

## DESCOBERTAS, CERTEZAS E CONQUISTAS: memorial acadêmico de uma arquivista

DISCOVERIES, CERTAINTIES AND ACHIEVEMENTS: an archivist's academic memorial

**Ma. Danielle Alves de Oliveira**

[prof.danielle.alves@gmail.com](mailto:prof.danielle.alves@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/4101773855592339>

<https://orcid.org/0000-0002-6833-0896>

Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharela em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e licenciada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

*Submetido: 27 mar. 2022*

*Publicado: 28 ago. 2022*

### RESUMO

O presente memorial tem como objetivo relatar a trajetória acadêmica e profissional de Danielle Alves de Oliveira, discente da primeira turma do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba. Outrossim, pretende destacar ainda, a importância das atividades desenvolvidas por professores, alunos e colaboradores na intenção de consolidar a Arquivologia na Paraíba, e conseqüentemente, ofertar possibilidades de inserção dos discentes no mercado de trabalho. Atualmente, a Arquivologia no Estado se mostra bastante profícua e reconhecida no cenário nacional pela sua proatividade e qualidade, contudo, é preciso rememorar essa trajetória para que as lutas e conquistas não fiquem silenciadas e acabem caindo no esquecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** memorial acadêmico; Arquivologia na Paraíba; Arquivologia.

### ABSTRACT

The present memorial aims to report the academic and professional of Danielle Alves de Oliveira, student of the first class of the Archive Science course at the State University of Paraíba. Furthermore, it intends to highlight the importance of the activities developed by teachers, students and collaborators in order to consolidate the Archive Science in Paraíba, consequently, offer possibilities for the insertion of students in the job market. Currently, Archive Science in the State is very fruitful and recognized on the national scene for its proactivity and quality, however, it is necessary to remember this trajectory so that the struggles and achievements are not silenced and end up falling into oblivion.

**KEYWORDS:** academic memorial; Archive Science in Paraíba; Archive Science.

## 1 O PAPEL DA ARQUIVOLOGIA NA TRAJETORIA PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

*Arqui o quê?* Por muito tempo, essa foi a frase que eu mais ouvi de amigos, conhecidos e familiares. Entretanto, como eu poderia julgá-los, se eu mesma fiz esse questionamento quando ouvi falar em Arquivologia pela primeira vez? Meu sonho nunca foi ser arquivista, os inúmeros testes vocacionais me levavam para profissões diversas, para tanto, eu nunca me enxergava atuando em nenhuma delas. Na dúvida, optei por iniciar a minha formação acadêmica pela licenciatura em História, pois a

docência era a única certeza que eu tinha, visto que desde a adolescência, eu ministrava aulas de reforço para as crianças do bairro onde eu morava.

Foi ainda no primeiro período do curso de História, que ouvi colegas comentando sobre a abertura do Campus da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em João Pessoa. O vestibular especial ocorreria ainda naquele ano, seria a primeira turma dos cursos de Arquivologia, Ciências Biológicas e Relações Internacionais. Decidi prestar vestibular para Arquivologia pensando em agregar conhecimento ao curso de História, todavia, eu não imaginava que essa área iria se tornar tão importante na minha vida.

Tudo aconteceu muito rápido, a aprovação, a matrícula e o início do semestre letivo (2006.2). As primeiras aulas tinham um sabor de descoberta, tudo era novo e encantador, a Arquivologia se mostrava com múltiplas possibilidades de atuação e extensão, apesar do mercado local ainda não se mostrar disponível para a absorção desses novos profissionais. Por ser um curso inédito na Paraíba, no início, havia poucos professores, vinculados ao quadro da UEPB, com competência nas disciplinas específicas, nesse sentido, foram convidados os professores Dr. José Maria Jardim e Dra. Maria Odila Fonseca, ambos da Universidade Federal Fluminense, a época.

Para fortalecer e disseminar o curso de Arquivologia na Paraíba e nos estados vizinhos, professores, coordenadores, alunos e colaboradores se uniram para promover eventos, palestras, convênios, projetos, dentre tantas outras atividades. Foi com esse intuito que o I Fórum Paraibano de Arquivologia (2007.2) e o I Fórum Internacional de Arquivologia (2008.2) foram desenvolvidos. A realização dos eventos foi um grande desafio, haja vista a falta de apoio local no que tange patrocínios e logística. Todavia, pensar pequeno nunca foi uma característica do curso de Arquivologia da UEPB, tanto que propôs um evento internacional mesmo em meio a tantas dificuldades. Estiveram presentes alguns dos principais nomes da Arquivologia brasileira, contudo, por trabalhar na organização dos eventos, não consegui aproveitar as palestras e oficinas oferecidas.

O interesse em levar o nome da Arquivologia paraibana era tão grande entre a comunidade acadêmica que os alunos sempre davam um jeito de se organizarem para participar de eventos regionais e nacionais oferecidos por outras instituições. Foi assim que participei do primeiro evento científico da minha vida, o I Simpósio Baiano de Arquivologia, ocorrido no primeiro semestre de 2007, e promovido pela Associação dos Arquivistas da Bahia. Para mim, vivenciar esse evento em Salvador abriu um mundo sem fronteiras, pude enxergar uma área consolidada no mercado local, diálogos interdisciplinares, teorias em ascensão que perpassava a concepção anglo-saxônica, trabalhos científicos inovadores, e sobretudo, profissionais apaixonados e bem-sucedidos. Foi exatamente nesse momento que decidi que gostaria de contribuir com essa área, tornando-me professora e pesquisadora em Arquivologia.

Com a decisão consolidada, busquei aproveitar todas as oportunidades que eram oferecidas ao longo do curso, destaco neste relato, três (3) atividades que foram fundamentais na minha formação: iniciação científica, monitoria e estágio. O primeiro projeto de iniciação científica do curso de Arquivologia da UEPB foi proposto pela professora Dra. Jacqueline Echeverría, na época, coordenadora da graduação. Ciente que pensar os métodos de pesquisa em Arquivologia é um imperativo para o desenvolvimento da área (JARDIM, 2016), a docente supracitada escreveu diferentes projetos, para os três primeiros colocados no processo seletivo que ela organizou, todos os projetos foram aprovados pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) da UEPB, e assim, tive a minha primeira experiência com pesquisa.

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou a interlocução entre teoria e prática, mas sobretudo, apontou a necessidade do arquivista de se fazer presente no mercado de trabalho e demonstrar a sua posição estratégica para consubstanciar na tomada de decisões. Os resultados das pesquisas de iniciação científica foram publicados em periódicos e eventos, contudo, a maior conquista foi apresentar a contribuição acadêmica e científica da Arquivologia paraibana no cenário nacional. Aos poucos, o curso de Arquivologia da UEPB foi ganhando respeito e admiração entre os pares e se consolidando devido aos eventos promovidos, pesquisas publicadas, parcerias firmadas e presença atuante dos alunos em cursos/oficinas/simpósios em diferentes instituições pelo Brasil. Outrossim, cabe destacar que em 2008, o curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi criado, contribuindo ainda mais para o reconhecimento da área.

Ainda durante o ano de 2008, começaram a surgir os primeiros estágios eletivos na área, todavia, ainda eram insuficientes para a quantidade de alunos interessados. Graças ao meu currículo e histórico escolar, consegui uma vaga em um escritório de advocacia na cidade, juntamente com duas colegas de turma. Foi no estágio que pude compreender a complexidade da prática arquivística e os desafios para a implementação de atividades adequadas a gestão documental, visto que os colaboradores da empresa se mostravam resistentes a mudanças. Em vários momentos, tivemos que convidar a nossa supervisora de estágio, professora Dra. Manuela Maia, para interceder e explicar a importância da aplicação correta das técnicas. No início, essa situação era corriqueira em todos os pontos de estágio, pois a falta de arquivistas nas empresas e o desconhecimento sobre o curso, levava ao questionamento dos funcionários, acerca de nossas atividades. Todavia, aos poucos, os desafios foram sendo superados, uma vez que as práticas arquivísticas aplicadas começavam a se mostrar eficientes.

Em 2009, os convênios para estágio ainda eram insuficientes, mesmo com todo o empenho da coordenação e dos professores para conseguir novos espaços de atuação para os alunos. Na época, não existia laboratório de práticas, na realidade, nem campus próprio nós tínhamos, as instalações eram improvisadas em prédios alugados pelo governo estadual. Deste modo, o escritório de advocacia no qual eu estagiava, aceitou cerca de dez (10) alunos para o cumprimento dos requisitos obrigatórios de estágio, o que foi uma experiência única, pois tivemos a oportunidade de formar uma força tarefa para organizar toda a massa documental da instituição, incluindo os arquivos digitais.

Concomitantemente ao estágio, submeti-me ao processo seletivo de monitoria, visto o meu interesse em amadurecer os aspectos teórico da área, mas sobretudo, ter a experiência didática. Foi através dessa experiência que confirmei a minha vocação pela docência e optei por seguir no curso, mesmo tendo sido aprovada e convocada para assumir concurso como arquivista na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesta época, mesmo sem a formação finalizada, fazíamos concursos, uma vez que tínhamos a possibilidade de abreviação da graduação, estratégia que foi utilizada por vários colegas. Para tanto, optei por finalizar meu curso sem pressa, aproveitar todas as possibilidades oferecidas pela universidade e preparar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que pudesse ser interessante para o meu ingresso no mestrado.

Foi nesse intento que comecei a delinear o meu TCC com a orientação da professora Dra. Manuela Maia. O foco do trabalho estava na discussão do arquivo como fonte de informação e memória. Aquiescendo desta perspectiva e ampliando a reflexão, Barros e Amélia (2009) destacam que o arquivo é um espaço de referência da produção do conhecimento, que incita a efervescência da informação de maneira

dinâmica e atualizada. Nesse sentido, a escolha pelo tema se deu pela necessidade de apresentar um assunto que fomentasse o debate sobre a importância dos arquivos para a sociedade, visto a necessidade de reafirmar diariamente a relevância da área. Os meses de pesquisa foram de muita satisfação e alegria, contudo, a apreensão do novo também era um sentimento frequente.

Em meados de 2010, concluí o curso de graduação em Arquivologia, com a consciência de uma formação sólida e abrangente, mesmo com todos os problemas e limitações impostas a primeira turma de um curso desconhecido e em um campus sem estrutura. No mesmo ano, iniciei o mestrado em Ciência da Informação na UFPB, ainda como aluna especial, a aprovação em processo seletivo só ocorreu no ano seguinte. A pós-graduação me tirou da zona de conforto e trouxe temáticas desafiadoras, para tanto, o amor e dedicação perpassava qualquer dificuldade.

Após a conclusão das disciplinas, submeti-me a um concurso de Técnica em Arquivo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pois eu precisava de uma estabilidade financeira para esperar uma vaga como docente na área. Foi assim que em 2012, fui nomeada pela primeira vez e comecei a atuar com arquivos, para além da experiência do escritório de advocacia, citado anteriormente. O início do trabalho foi permeado por dificuldades, principalmente devido as limitações impostas pelo cargo técnico e pela burocracia do serviço público.

Em 2013, alguns meses após a conclusão do mestrado e já atuando como Técnica em Arquivo, a UEPB abriu seleção para professor substituto em Arquivologia. As etapas foram vivenciadas com nervosismo, mas com a segurança de quem sabia que estava preparada, afinal, foram anos dedicados a esse objetivo. Após a aprovação, a ansiedade tomava conta de mim, finalmente iria começar a minha experiência docente, e ainda, na instituição que me formou. Os anos que passei lecionando na instituição supracitada foram de muito aprendizado e dedicação. A essa altura, o curso já tinha uma boa infraestrutura e o reconhecimento do mercado local, fruto de anos de trabalho da comunidade acadêmica e colaboradores da UEPB e UFPB. Foi ainda em 2013 que fui convidada a compor o primeiro número da revista *Analisando em Ciência da Informação* (RACIn) com um artigo inspirado no meu TCC. A criação da revista foi importante para ampliar a divulgação científica da área, mas sobretudo, para evidenciar que a Arquivologia paraibana está preocupada com a pesquisa e a produção do conhecimento.

Ainda em 2013, destaco a criação da Associação dos Arquivistas da Paraíba (AAPB) um marco para a Arquivologia no Estado. A reunião para a formalização dessa criação foi permeada por dúvidas, inseguranças e rivalidades, para tanto, no final, permaneceu a vontade da maioria pela representatividade que a associação poderia fornecer a classe. Se queremos uma Arquivologia forte, é preciso criar estruturas que ajudem nessa sustentação, esse foi o tom do meu discurso em apoio a AAPB.

Após quase dois anos como professora substituta da UEPB, em 2015, esse ciclo foi encerrado devido a aprovação em concurso público para professor efetivo do Departamento de Ciência da Informação na UFPE, com carga-horária de 20 horas semanais. Alguns meses depois, também, passei como arquivista na mesma instituição, com carga-horária de 40 horas. O trabalho era árduo, entretanto, extremamente gratificante. A teoria e a prática sempre se apresentavam lado a lado, me fazendo ser uma arquivista melhor e uma professora mais atenta as necessidades da formação acadêmica, pois conforme ressaltam Rousseau e Couture (1994) a Arquivística é uma disciplina com finalidade profissional e, portanto, deve apoiar seus ensinamentos teóricos nos aspectos da prática. Em Pernambuco, sede da UFPE, não há o curso de Arquivologia, por isso, havia poucos profissionais formados na

área, e uma grande demanda. Foi assim, que acabei me envolvendo em muitos projetos e parcerias, e acentuando a minha principal área de atuação junto aos arquivos, a preservação e conservação de acervos.

Por motivos pessoais optei por retornar a João Pessoa, e por isso, fiz mais um concurso docente, desta vez, para dedicação exclusiva na Universidade Federal da Paraíba. Deste modo, em 2018, tive a convocação publicada e a posse efetivada. No mesmo ano, prestei seleção para o doutorado em Ciência da Informação na UFPB, atualmente, em fase de conclusão. A temática da tese está alicerçada em reflexões epistemológicas e metodológicas da prática arquivística, essa escolha se deu pela necessidade de ampliação de pesquisas em torno da Arquivologia. Essa decisão foi inspirada por Terry Cook (2000, p.5, tradução nossa) quando ele ressalta que “os arquivistas devem manter o foco na pesquisa acadêmica e na formulação de teorias”, pois só através das investigações científicas, a área encontrará aportes suficientemente fortes para sua consolidação. Neste mesmo sentido, eu e o professor, também egresso da UEPB, Luiz Eduardo Ferreira da Silva, criamos o grupo de pesquisa em Epistemologia Arquivística (GEPE-Arq) para possibilitar a reflexão em torno dos aspectos teóricos que norteiam o fazer arquivístico. Atualmente, a liderança do grupo é compartilhada com a professora e arquivista Claudialyne da Silva Araújo.

Hoje, a Arquivologia paraibana se destaca pela proatividade e pela qualidade dos profissionais no mercado de trabalho, contudo, é preciso rememorar para que o passado de lutas e conquistas não caiam no esquecimento. No cenário atual, talvez seja difícil enxergar o quanto todas essas atividades aqui descritas foram relevantes para a consolidação da Arquivologia paraibana, contudo, para quem vivenciou esse processo, é inspirador ressignificar essas memórias e reconhecer o quanto a luta de cada sujeito contribuiu para o desenvolvimento da área, e, por conseguinte, para a minha trajetória acadêmica, pessoal e profissional. A arquivista que sou hoje, é fruto dessa história, e por isso, continuo lutando para tornar a área cada vez mais forte, reconhecida e valorizada.

## REFERENCIAS

COOK, Terry. Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. **Archival Science**, v. 1, n. 1, p 3-24, 2000.

BARROS, Dirkene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Revista TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 1 p. 55-61, 2009.

JARDIM, José Maria. A pesquisa em Arquivologia: métodos, especificidades e diálogos. In: NEVES, Dulce Amélia de Brito *et al.* **Cartografia da pesquisa e ensino da Arquivologia no Brasil: IV Reparq**. Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2016, p. 73-90.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Les fondements de la discipline archivistique**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1994.